



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.31, e65364, 2024
DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n31e65364

Dossiê

Dos encontros poéticos na literatura moçambicana: relações intersemióticas entre Luís Bernardo Honwana e Sónia Sultuane

On poetic encounters in Mozambican literature:
intersemiotic relationships between Luís
Bernardo Honwana and Sónia Sultuane

Sobre encuentros poéticos en la literatura
mozambiqueña: relaciones intersemióticas
entre Luís Bernardo Honwana y Sónia Sultuane

Sávio Roberto Fonsêca de Freitas 

Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras,
João Pessoa, PB, Brasil

E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise comparativa entre o conto “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana e a exposição virtual *Touch me*, de Sónia Sultuane. O diálogo entre as duas manifestações artísticas em pauta se dá por meio de uma relação intersemiótica pela representação das mãos e as respectivas sinestésias do sentido tátil. Para fundamentar as nossas reflexões, utilizamos como aporte teórico o conceito de cosmopercepção de Oyèrónké Oyèwùmì (2021), de metamorfose das vozes moçambicanas de Terezinha Taborda Moreira (2005)

Editor-chefe

Carmen Lucia
Tindó Ribeiro Secco

Editores Associados

Marlon Barbosa
Vanessa Teixeira

Como citar:

FREITAS, Sávio Roberto
Fonsêca d. Dos encontros
poéticos na literatura
moçambicana: relações
intersemióticas entre Luís
Bernardo Honwana e
Sónia Sultuane. *Revista
Mulemba*, v.16, n.31,
e65364, 2024. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2024.
v16n31e65364](https://doi.org/10.35520/mulemba.2024.v16n31e65364)

e dos momentos de transição de Francisco Noa (2017), além de outros empreendimentos teóricos convocados pela respectiva análise intersemiótica.

Palavras-chave:

Encontros poéticos, Relações Intersemióticas, Literatura Moçambicana.

Abstract

The objective of this study is to develop a comparative analysis between the short story *As mãos dos pretos*, by Luís Bernardo Honwana and the virtual exhibition *Touch me* by Sónia Sultuane. The dialogue between the two artistic manifestations in question takes place through an intersemiotic relationship through the representation of hands and the respective synesthesia of the tactile sense. To support our reflections, we use as a theoretical contribution the concept of cosmoperception by Oyèrónké Oyèwùmì (2021), the metamorphosis of Mozambican voices by Terezinha Taborda Moreira (2005) and moments of transition by Francisco Noa (2017), in addition to other theoretical undertakings summoned by the respective intersemiotic analysis.

Keywords:

Poetic encounters, Intersemiotic Relations, Mozambican Literature.

Resumen

El objetivo de este estudio es desarrollar un análisis comparativo entre el cuento “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana y la exposición virtual *Touch me*, de Sónia Sultuane. El diálogo entre las dos manifestaciones artísticas en cuestión se da a través de una relación intersemiótica a través de la representación de las manos y la respectiva sinestesia del sentido táctil. Para sustentar nuestras reflexiones, utilizamos como aporte teórico el concepto de cosmopercepción de Oyèrónké Oyèwùmì (2021), la metamorfosis de las voces mozambiqueñas de Terezinha Taborda Moreira (2005) y los momentos de transición de Francisco Noa (2017), además de otras aportaciones teóricas. emprendimientos convocados por el respectivo análisis intersemiótico.

Palabras clave:

Encuentros poéticos, Relaciones Intersemióticas, Literatura mozambiqueña.

Primeiras considerações

Um dos princípios mais nobres da literatura é o fato de, por meio das muitas possibilidades de representação, podermos fazer se darem as mãos escritores de tempos distintos, mas de sensibilidades similares em relação ao projeto de humanização por meio das artes. Neste estudo proponho uma conversa inusitada entre o conto “As mãos dos pretos”, de Luis Bernardo Honwana, e a exposição fotográfica virtual *Touch me*¹ de Sónia Sultuane. Vozes moçambicanas que dialogam por meio de um processo artístico em que linguagem e imagem se tocam, criando expectativas sinestésicas sobre um ato de existir em um mundo cuja perspectiva cosmoperceptiva (Oyewùmí, 2021)² consolida uma metamorfose de vozes descolonizadas (Moreira, 2005) na tentativa de fazer pensar uma necessidade de constatação sobre o poder do alcance das mãos em momentos de transição (Noa, 2017).

É oportuno lembrar o contexto em que os *corpora* escolhidos para esta reflexão foram publicados. O conto “As mãos dos pretos” integra a coletânea intitulada *Nós matamos o cão tinhoso*, a qual veio a público em Moçambique em 1964 e já vai comemorar sessenta anos, ocupando um *status* de extrema relevância para o contexto literário moçambicano, principalmente por funcionar como uma narrativa de ficção em que, como bem pontua Francisco Noa (2017, 18), o comando se dá por um narrador infantil cujo olhar problematiza com maturidade e maestria o cotidiano social dos moçambicanos em tempos coloniais ainda comandados pela ditadura salazarista. Neste sentido, podemos afirmar que os contos de Luís Bernardo Honwana se configuram como textos descolonizadores e conduzidos pela estética e pela ideologia de uma literatura de combate em favor da liberdade do país que se quer (re)conhecer em sua própria nacionalidade, para isso as mãos assumem uma importante episteme no conto que será analisado.

¹ A exposição virtual *Touch me* (2009) foi fotografada por Jorge Dias, editada por Ricardo Coelho e teve como curadora e autora a escritora e artista plástica Sónia Sultuane (2020). As imagens estão publicadas no site oficial da autora: <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>

² Utilizamos aqui o termo cosmopercepção formulado pela socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí (2021), por considerar que as perspectivas e modos de vida provenientes da África dialogam melhor com a referida epistemologia. No que se refere às espiritualidades, filosofias africanas e formas de entender e interagir com o mundo, essa noção nos proporciona novas possibilidades para compreensões estéticas e ideológicas a partir de visões transdisciplinares que priorizam o pluralismo cultural africano em suas diversas manifestações coletivas fundamentadas em filosofias ancestrais. Dessa forma, a cosmopercepção nos propõe um enfoque discursivo que valoriza percepções além da visão, promovendo uma integração sensorial. Este modelo de coexistência nos incentiva a rejeitar a divisão estrita entre o que está dentro (o corpo) e o que está fora (o mundo), criando uma sensação de pertencimento onde todos os sentidos e corpos se conectam e fazem parte dessa unidade que definimos como relações intersemióticas, desafiando a concepção ocidentalizada sobre as africanidades como um mero cenário, objetificado e visto apenas como fonte de recursos para o avanço humano.

Em direção análoga, a exposição virtual *Touch me*, da escritora e artista plástica Sónia Sultuane, surge em um contexto também complexo. Em dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, começou a pandemia COVID-19 que se espalhou pelo mundo. As pessoas, acometidas pelo alto índice de infectados que vieram a óbito, mudaram suas rotinas por conta de um confinamento mundial, o qual isolou qualquer possibilidade de toque, de demonstração de afeto. As mãos passaram a ter um sentido amplo, muito mais sugestivo do que quando a referida exposição fotográfica tinha sido elaborada, ou seja, o ano de 2009. Tocar uma pessoa se tornou algo impossível por causa da pandemia. Por isso a exposição se configura como uma demonstração de solidariedade, de resiliência e de humanismo.

Na esteira da (im)possibilidade dos toques e das sinestésias do tato, as mãos de Luís Bernardo Honwana e as de Sónia Sultuane promovem mobilidades de (re)conhecimentos de si em rabiscos miméticos de uma sinestesia táctil centrípeta e centrífuga intersectada pelas ambiguidades da linguagem e da imagem, construindo assim uma dança intersemiótica plurissignificante, cosmoperceptiva e transitória.

De uma poética intersemiótica de mãos moçambicanas...

Não são poucos os obstáculos que enfrentamos ao analisar as conexões entre a arte literária e as artes plásticas. Mesmo que seja evidente a ligação entre essas duas formas de expressão em nossa época, especialmente quando se trata de reler uma obra literária nos movimentos das artes plásticas, a discussão segue por diferentes caminhos, abrangendo diversas abordagens teóricas e investigativas. Nesse sentido, as interações entre a literatura e as artes plásticas são examinadas não apenas através das óticas da teoria literária e dos estudos da imagem, mas também pela Semiótica, Literatura Comparada, Psicologia, Sociologia, História da Arte, entre outras possibilidades comparatistas. A diversidade de enfoques que orientam a compreensão dessa relação decorre de uma série de elementos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos que influenciam e ultrapassam as questões puramente estéticas e técnicas de cada forma de arte em sua representação da realidade.

Antoine Compagnon, ao analisar a singularidade da referência, destaca, no capítulo denominado de forma emblemática “Demonstrar”, que a expressão compartilha o encantamento da sua singularidade efêmera, passando da fase em que cada palavra não perdurava além do momento da declaração e no qual o discurso originava o próprio conceito, para alcançar o instante em que a palavra divide essa capacidade com a linguagem visual. De acordo com Compagnon, “quando o formato

do discurso se torna visual, gráfico, secular e técnico, na técnica de Simônides³ e na oratória dos sofistas, surge a possibilidade de repetir o já mencionado”, assim, o poder da “palavra viva” não funciona mais como “a influência sobrenatural ou a eficácia instantânea do discurso inspirado, é o poder profano da imitação, da referência que replica, produz e reproduz o discurso alheio” (Compagnon, 2007, p. 77). Seguindo o conceito de Compagnon, é possível analisar que a relação complementar entre palavra e imagem, transitando da literatura para as artes plásticas e vice-versa, pode ser interpretada como a ausência do significado profundo da palavra e a desconstrução da unicidade do discurso.

As artes são diversas e a literatura é uma delas. Ela tem sua base nas palavras e em seu poder fundamental. Em um ciclo constante, as palavras inspiram imagens, e as imagens nos conduzem de volta às palavras. Como podemos, então, compreender a literatura nos dias atuais sem considerar a importância e influência da cultura visual? Para pensar uma poética das mãos no conto de Honwana e na exposição virtual de Sónia Sultuane é preciso imaginar que em ambas as manifestações artísticas o toque aciona dispositivos para o entendimento de si em um universo moçambicano de libertação, mesmo que produzidos em contextos discrepantes. Para que se perceba a continuidade do intersecto da sinestesia das mãos, vamos colocar em sequência fragmentos do conto em diálogo com as imagens.

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas no chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. (Howana, 2014, p.101)

³ Antoine Compagnon (2007, p. 77) se refere ao poeta grego Simônides de Ceos que usou uma técnica de memorização para identificar os mortos em um banquete. Simônides representa uma mudança significativa na tradição poética, pois se torna o pioneiro a tratar a poesia como uma profissão e a obter recompensas por seu trabalho. Simultaneamente, traz à tona uma nova perspectiva sobre a função poética: o empenho em refletir sobre a essência da poesia. Esse momento marca a descoberta da imagem pelo homem grego, fazendo de Simônides um dos primeiros registros da teoria da imagem e/ou das representações intersemióticas.



Figura 1. Mãos Abertas (Sultuane, 2020).⁴

Fonte: <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>.

O fragmento acima traz uma narrativa que questiona a cor clara da palma das mãos dos pretos. Vale esclarecer que a voz narradora é a de um menino sem nome que procura respostas para uma indagação: por que os pretos têm as palmas das mãos brancas? Muitas respostas são expostas, sem esclarecimentos convincentes, por diversos personagens, até que a mãe do menino apresenta uma explicação que consolida o clímax da narrativa.

A passagem citada nos mostra duas respostas colocadas paralelamente ao questionamento: uma dada pelo professor e outra pelo padre. Vale ressaltar que ambos os personagens representam instâncias de formação de concepções ideológicas sobre a questão de raça construídas a partir de uma perspectiva eurocentrada e segregadora. O professor dá uma resposta zoomórfica para a questão, atribuindo a claridade das mãos ao fato de os pretos andarem como “bichos do mato”, impedindo que a luz do sol as escurecesse.

Associar os pretos a animais é um discurso marcadamente colonial. Já o padre atribui a claridade das mãos dos pretos ao fato de sempre rezarem de mãos postas, ou seja, a ideologia colonial se mantém colocando em posição de declive a negritude. Ser preto é sinal de estar em condição inferior.

A imagem posta em sequência nos entrega a ideia de mãos pretas que em resposta ao declive ideológico notado no fragmento supracitado eleva as mãos à luz. A sugestão da imagem nos permite a leitura de um ato de recepção, de acolhimento, de afeto, de humanismo, de solidariedade, de fraternidade, de coletivismo, de introspecção, de (re)conhecimento. É como se a artista plástica se apropriasse do narrador e continuasse a investigação do menino insatisfeito com as respostas do professor e do padre, propondo uma resposta imagética de que basta olhar para as mãos que elas

⁴ O nome das imagens são sugestões de análise do autor deste texto, vale ressaltar que Sónia Sultuane não nomeia as imagens expostas virtualmente, o que pode se configurar como uma abertura para muitas interpretações.

ativam sentidos esclarecedores para a resposta ainda não vinda, uma vez que o olhar do outro, neste sentido, o do colonizador, é incapaz de construir uma etnografia da negritude sob uma episteme colonial, fato que vai marcar um oportuno momento de ironia na narrativa:

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem fôr enquanto não me disser por que é que acha que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa. (Howana, 2014, p.101)



Figura 2. O vazio (Sultuane, 2020).

Fonte: <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>.

A insatisfação do narrador é incontestável. As respostas não possuem sentido para a pergunta. O termo “piadão” revela uma ironia posta pelo menino investigador que agora apresenta sua insistência em encontrar uma resposta que o convença. Não se pode deixar de notar que a ingenuidade do narrador é perigosa, na medida em que as respostas para a pergunta vão assumindo proporções críticas ao discurso colonial. É nítido que a narrativa é construída na perspectiva de uma ficção de combate que incute uma ideologia descolonizadora. A aparição da personagem Dona Dores, nome muito significativo, reproduz o discurso colonial do professor e do padre, na esteira de uma ideologia racista: as mãos são claras para não sujar a comida que é feita para os patrões. A claridade das mãos aparece no conto como algo pejorativo à existência dos pretos. A educação e a religião surgem como instituições segregadoras e punitivas, reforçando o cenário invasor e negativo da presença do colonialismo em Moçambique.

A imagem que remete ao vazio escrito nas mãos comprova uma continuidade da reflexão sobre a claridade da palma das mãos. As mãos escondem o rosto que não se identifica com os vazios das respostas. As sombras causadas pela luz obnubilam o entendimento de uma existência que se constrói pelo discurso/olhar do outro.

A solidão da imagem preto no branco e/ou branco no preto remete ao vazio das cores primárias que não gestam outras cores na relação intersemiótica que aqui se observa. O lúdico da imagem/ficção se dá pela movimentação das mãos para insinuar a continuidade de uma reflexão existencial. Artes dialogam porque mãos se tocam. As mãos ativam todos os sentidos, sugerindo uma poética cosmoperceptiva das mãos (Oyewùmí, 2021), cujo princípio maior é territorializar um pluralismo de sentidos em todo um corpo existencial, ou seja, as mãos ativam todos os sentidos humanos para além da segregação racial e social imposta por uma ideologia ocidental eurocentrada.

O vazio proposto no conto pela insatisfação do menino em relação às respostas dadas sobre a claridade das mãos e na imagem pela escrita do vazio nas palmas das mãos que escondem um rosto pode ser entendido com o “vão da voz”, proposto pela pesquisadora Terezinha Taborda Moreira (2005, p.86), ou seja, um processo de substituição que transforma o texto moçambicano em espaço de fruição em que a escrita se transforma em voz de um corpo em performance para problematizar questões sociais. Logo, a poética intersemiótica das mãos pretas estimula um “vão” de possibilidades de interpretação intersectadas pelas relações de raça e classe como critérios performáticos de existência. Tocar, ter e sentir se tornam verbos implícitos neste processo performático cosmoperceptivo das mãos dos pretos.

Deus fez pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (Howana, 2014, p.102)



Figura 3. Mãos que se tocam (Sultuane, 2020).

Fonte: <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>.

O fragmento acima é o registro do clímax da narrativa: a resposta da mãe do menino. Percebe-se que o discurso da mãe pontua aspectos relevantes em torno de uma ideologia descolonial proposta pela ficção combatente correspondente ao ano de publicação da coletânea de contos *Honwana*. Como em todas as respostas dadas ao menino sem nome, Deus aparece como símbolo de um cristianismo colonizador, reforçando a tese de que o sagrado sempre responde ao que não possui uma resposta lógica e/ou autorizada pelas classes hegemônicas.

No discurso materno se observa um dado importante: independentemente da cor, mãos são humanas. Deus fez homens com mãos, a sociedade é que estabelece as regras relacionais de raça, classe e gênero. Se observamos as respostas dadas pelo Senhor Professor, Senhor Padre, Dona Dores, Senhor Antunes da Coca-Cola, Senhor Frias, de um livro, de Dona Estefânia, vamos constatar que há um sistema político que escraviza corpos e pensamentos, uma ditadura que fortalece a tese de que o preto nasceu para servir, para ser tratado como bicho, para ser visto como exótico, para ser qualquer coisa, menos o sujeito político que possui autoridade para responder suas próprias perguntas.

É muito simbólico que no conto *A mão dos pretos* a resposta e o clímax da narrativa sejam centralizados na voz de uma mulher negra e mãe. A luta de libertação em Moçambique tem como lema a maternidade africana e a fraternidade coletiva entre as províncias. Logo, quando o discurso da mãe territorializa uma fraternidade humanitarista, configura-se que a poética intersemiótica das mãos é uma estratégia cosmoperceptiva descolonizadora contra uma performance colonial que insiste em impedir que os povos se toquem, se sintam e se confraternizem com a consciência política de uma democracia libertadora.

Ao analisar a imagem que corresponde ao fragmento em cotejo, certificamo-nos de que há uma circularidade de pensamentos em torno da poética intersemiótica das mãos; tocar-ter-sentir funciona como um princípio verbal fotogravivente. Consideramos a fotogravivência uma estratégia estética e ideológica de escritora e artista plástica Sónia Sultuane para dar movimento poético, simbólico e cultural ao

fluxo tático das intenções nesta exposição virtual, o que permite um diálogo com o conto “As mãos dos pretos”, de Luis Bernardo Honwana. Para além disso, acrescenta-se que a poética intersemiótica das mãos permite a averiguação da ideologia de novas formas de combate na contemporaneidade moçambicana, de modo que se entende a existência de outras pautas de libertação que não só as agendas precursoras da FRELIMO. Existir humanitariamente se torna um compromisso moçambicano de maternidade e fraternidade para a consolidação de uma literatura cosmoperceptiva, descolonizada e contra-colonialista.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal , para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido. (Howana, 2014, p. 102)



Figura 4. Possibilidades (Sultuane, 2020).

Fonte: <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>.

Durante seu desenvolvimento, as crianças passam por uma fase marcante conhecida como a fase dos porquês. Essa curiosidade inata é um impulso fundamental para o avanço do conhecimento humano. Os adolescentes, em fase de transição, também possuem essa sede de descobertas e explicações enquanto tentam entender o mundo ao seu redor. A vontade de aprender é o motor que nos impulsiona a adquirir o conhecimento essencial para compreender o universo e encontrar nosso lugar nele como seres humanos. Essa vontade, ao buscar compreender o que é, o que existe, deveria nos motivar também a explorar o que ainda não existe: em suma, o desejo de descobrir o que ainda não se tornou realidade é o que cria realidades novas. A curiosidade deveria ser associada à mudança. O conto finaliza com o menino sem nome satisfeito com a resposta da mãe, mas com uma nova questão: por que chora a mãe depois de responder ao filho que no mundo do colorismo, os pretos sempre são segregados, marginalizados, esquecidos e desmemoriados? Como nos prova a imagem acima, fica uma porta que se pode abrir para novas reflexões em torno da poética intersemiótica das mãos.

Últimas considerações

Sem nenhuma intenção de finalizar esta reflexão, podemos afirmar que Luis Bernardo Honwana e Sónia Sultuana se dão as mãos por meio da literatura, quando trazem para uma discussão contemporânea várias possibilidades de pensar uma poética das mãos, por meio de intersemioses e/ou questionamentos narrativos que se voltam para pautas e agendas políticas de uma democracia libertadora, humanitária, cosmo-percetiva, performática e descolonizada. Em nenhum momento, as mãos deixaram de ativar todos os sentidos vitais tão necessários à existência humana; as questões de raça, classe e gênero permanecem na agenda da urgência para a consolidação da retórica do respeito. Que o cão tihoso continue a instigar a literatura moçambicana contemporânea e que “as mãos dos pretos nos permitam” tocar-ter-sentir um mundo em que as claridades nos levem a uma consciência humanista descolonizada.

Referências

- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão tihoso*. Maputo: Alcance Editores, 2014.
- HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão tihoso*. São Paulo: Kapulana, 2017.
- MOREIRA, Terezinha Taborda. *O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana*. Belo Horizonte: Editora da PUCMinas, 2005.
- NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Kapulana, 2017.
- OYEWÙMÍ, Oyérónké. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- SULTUANE, Sónia. *Touch me*. (Exposição Virtual), Maputo, 2020. Disponível em <https://soniasultuane.com/exposicoes-virtuais/>. Acesso em: 18 set.2023.